

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Imigrantes: crônicas de vida (IMG)

Pelas ruas de São Paulo

História de [Elvio Bernicchi](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 23/06/2001

P/1: Senhor Elvio, em primeiro lugar vou pedir para o senhor se identificar. Nome completo, local e data de nascimento.

R: Elvio Bernicchi, nasci em 17 de outubro de 1925.

P/1: Quando o senhor chegou ao Brasil?

R: 10 de abril de 1948.

P/1: O senhor estava me dizendo que veio sozinho. Por que?

R: Vim sozinho porque na Itália, no pós-guerra, estava tudo destruído. Eu tinha trabalho. Trabalhava como torneiro mecânico e o meu patrão sentiu muito que eu deixasse a firma e que imigrasse para o Brasil. Ele gostava que eu ficasse na Itália trabalhar com ele. Mas, o meu desejo de imigrar, procurar um país melhor, porque na Itália, depois da guerra, a gente não podia pensar quanto tempo ia levar para se reconstruir a Itália. Mas depois, felizmente, em poucos anos a Itália se recuperou, graças a ao Plano Marshall, em pouco tempo ela se recuperou. Então eu vim pro Brasil, e o patrão onde eu trabalhava, ele todo o ano duas vezes por ano ele me escrevia carta, como fosse meu pai.

P/1: Sabe quanto durou?

R: Durou 20 anos. Sempre. O meu patrão, lá na Itália. Natal e na Páscoa. Ele era muito católico. Na Páscoa e no Natal eu escrevia pra ele e ele escrevia sempre carta pra mim. Depois eu, quando voltei pra Itália fui visitar ele, ele estava doente, que depois de poucos meses que eu fui visitar ele, ele faleceu, mas quando ele me viu... (pausa) me emociona só em falar. Ele me viu, e falou assim: Elvio, você me fez o melhor presente da minha vida.

P/1: Olha, que lindo. Ele tinha o senhor como um filho, mesmo.

R: Foi mais do que um pai. Então, aí cheguei aqui no Brasil, em 48, fui trabalhar com um tio que morava aqui na Freguesia do Ó, morava, e... quando a gente chega no Brasil, naquela época, vendiam terreno pra pagar em cinco anos, 10 anos, e a gente falava: Cinco anos, 10 anos, mas você tá louco? Cinco anos, 10 anos, se é 10 anos já estou na Itália de volta... E agora são 52 anos que estou aqui... E trabalhei...tenho que contar minha história mesmo. E...trabalhei com ele vários anos com açougue, depois ei casei, montei um açougue por minha conta no bairro de Pinheiros, na rua Pinheiros, onde fiquei até 1964, na época da revolução, lá nasceram as minhas filhas, Marilena e Marilisa, nasceram as duas lá, depois de lá eu mudei em 64, fui trabalhar com meu cunhado em posto de gasolina, trabalhei dois, três anos em posto de gasolina, depois fui trabalhar com um patrício meu em material de construção, trabalhei dois ou três anos com material de construção, mas a sociedade, éramos três sócios, a sociedade não deu certo, e português diz que sociedade tem que ser número ímpar, mas três, é demais. (riso) É. Não deu certo, perdi dinheiro lá, aquele pouco de dinheiro que me sobrou, consegui comprar um carro, um Volkswagen naquela época lá, em 1969, e comprei o carro e fui trabalhar na praça. Trabalhava de táxi. E enquanto trabalhava com loja de material de construção, eu tinha comprado um apartamento aqui na Avenida Sumaré, onde estou morando até hoje, e com o carro de taxista não tinha o dinheiro pra comprar o carro que custava 12 mil cruzeiros, e só tinha cinco mil, o Bradesco me financiou o resto, paguei as prestações do carro, pagava prestações do apartamento, consegui pagar sempre em dia as prestações, também não tinha horário pra mim trabalhar, eu trabalhava até duas horas, três horas da manhã, domingo, feriado, Natal,

primeiro de ... sabe, direto. Mas graças a Deus o trabalho não mata. O que mata o homem é a preocupação, as dívidas... é. Eu chegava em casa cansado, duas, três horas da manhã, mas dormia tranquilo, consegui pagar todas as minhas dívidas, prestação do apartamento, paguei, liquidei, aí depois que liquidei tudo, não tinha mais nada pra pagar, fui trabalhar numa firma de um patrício meu, recuperadora de plástico, no Bairro do Limão. Trabalhei 17 anos lá, depois saí de lá porque era muito poluído o ambiente, saí de lá e me aposentei, consegui receber a aposentadoria italiana, a mínima, é, porque eu tinha trabalhado, antes, como eu falei pra senhora, trabalhei dois anos como torneiro mecânico naquela pessoa que sempre me escreveu por 20 anos, é. Então, com aqueles dois anos só lá, e mais e tinha mais um ano que eu tinha trabalhado assim de autônomo, lá, fazia bicos assim, valeu também aquele ano, e juntando com 35 anos que eu tinha de contributo brasileiro, consegui a aposentadoria italiana. E naquela época, era muito mais fácil tirar a aposentadoria italiana, porque era um tratado entre o governo italiano e o Brasil, e juntando os dois... na Itália bastava ter trabalhado dois, três anos. Só. Agora, não. Agora tem que ter trabalhado no mínimo, não sei se é 10 ou 15 anos. Acabou a festa agora. Mas, graças a Deus, tive sorte. Acho que o meu patrão que me ajudou de lá de cima viu? Porque às vezes demorava três ou quatro anos pra receber a aposentadoria italiana e eu, num ano e meio recebi. Eu juro por Deus, eu acho que foi ele que me ajudou. Que bom...Então consegui me aposentar, depois me colocaram de síndico no prédio, já faz 10 anos que estou síndico 10 anos Já. É, que estou sofrendo...que se tivesse uma aposentadoria um pouco maior, acho que largava, viu? É um trabalho, uma amolação tremenda. E cada ano que passa é pior acho.

P/1: O senhor disse que quando chegou foi morar na Freguesia, qual foi a sua primeira impressão quando chegou no Brasil?

R: Ah, a impressão... quando cheguei no Brasil, eu achei muita facilidade na língua. É. O português é muito simile ao italiano. Tenho saudade de São Paulo daquela época. Que naquela época não se falava em assalto, não se falava em droga, não se falava em Aids, não tinha nada desses problemas, a gente saía de noite, voltava tranquilo, às vezes ia com amigos, patrícios, ia na cidade, ia no cinema, saía uma, duas horas da manhã pegava ônibus, voltava, não tinha perigo nenhum naquela época lá. São Paulo tinha mais ou menos acho que um milhão e meio de habitantes, era uma delícia.

P/1: O senhor morou aonde, na Freguesia?

Na Avenida Itaberaba, morava. Com minha tia e meu tio lá. Que agora já faleceram..

R: O senhor trabalhava nesse açougue?

P/1: É, trabalhava com ele no açougue na Freguesia.

R: O senhor logo fez amigos? Como era a sua vida nesse começo.

P/1: Era difícil?

R: Não...Eu sou...Não acho nada difícil. Me adapto a tudo. Pode perguntar pra minha mulher se alguma vez... em quarenta... já faz 47 anos de casado. Eu nunca pedi pra ela quero comer isso. O que ela faz, eu como, pronto, se tem que trabalhar trabalho, se tem que fazer um serviço eu faço, pra mim não tem hora, não tem horário, tanto que com taxi eu trabalhava dia e noite direto, o trabalho não me assusta, graças a Deus. Até hoje.

P/1: Com quem o senhor contava nesse começo da vida aqui no Brasil. Quem ajudou o senhor nesse momento de chegada?

R: Ajudar, praticamente acho que ninguém ajuda. Quando a gente precisa de ajuda, parece que tanto o meu tio, a minha tia, amigos, eu tive que me virar sozinho. É. Porque antes de abrir o açougue por minha conta, arrendei uma casa de carne em Moema, e fiquei lá um ano, ela me ajudava, depois de um ano e pouco que eu tinha arrendado a casa, tinha um pouquinho de dinheiro que consegui economizar, aí aluguei um salão na Rua Pinheiros, era um salão vazio e moradia em cima. Aí abri o açougue, depois de um mês que tinha aberto o açougue já tinha uma freguesia já, muita freguesia. Vendia muito bem, vendia. É. Aí resolvi casar. Que tem. Depois de dois, três meses que tinha aberto o açougue resolvi casar, casei, e fiquei ali até 1965. Casei em 54 e fiquei com o açougue até 1964. As filhas nasceram lá, as filhas tiveram bolsa de estudo, uma 50% e a outra total. No Colégio Rio Branco na Avenida Higienópolis.

P/1: Sei. Bom colégio.

R: Uma se formou em relações públicas, trabalha ainda hoje free lancer no jornal O Estado de S. Paulo, e outra casou com marido rico e só pensa nos filhos, na casa, estão bem, viu.

P/1: Por que o senhor saiu de Pinheiros e veio morar aí na Avenida Sumaré?

R: Porque quando saí de Pinheiros, deixei o açougue e depois fui trabalhar com o meu cunhado em posto de gasolina, que era aqui na Casa Verde, aluguei uma casa aqui na Rua Clélia, aluguei. Um apartamentinho na Rua Clélia. E quando eu morava lá, depois morei dois anos na Rua Clélia e depois vim morar aqui na Rua Padre Tomás, aqui atrás. E aqui vi nascer esse bairro, a Avenida Antártica era deserta naquela época, vi construir aquele prédio na Avenida Sumaré, quando eu comprei o apartamento em 1970, 71, faz trinta anos, a Avenida Sumaré tinha sido aberta naquela época. Não existia antes. Era um vale aí, era. Depois abriram a Avenida Sumaré, construíram esse prédio, a preço fixo, graças a Deus comprei, não tivemos reajuste nenhum, e tive a sorte de ter comprado esse apartamento e fiquei morando lá.

P/1: Hoje em dia como é a sua vida. O que o senhor faz...como é seu dia a dia hoje.

R: É, a vida de síndico. E as filhas que me chamam pra fazer uma coisinha, outra. As filhas sempre precisam de mim. É consertar ferro elétrico, consertar máquina de lavar roupa, máquina de lavar louça, aspirador, consertar, é... secador de cabelo, é faço um pouco de tudo. Como eu trabalhei... na Itália fiz a escola técnica de mecânica, então tinha uma noção de mecânica, e ainda hoje gosto mais do que... trabalhei no açougue, porque quando cheguei aqui meu tio tinha açougue, então tive que trabalhar no açougue. E naquela época lá não tinha indústria automobilística no Brasil, indústrias grandes. Não tinha assim facilidade de achar um emprego de torneiro mecânico. Então fiquei trabalhando no açougue, falei, bom, tanto faz. Me adaptei àquele. Mas gosto mais da mecânica. A gente nasce, né? Trabalhei de açougue porque tinha que trabalhar. Tinha. Está certo. E graças a Deus consegui, vendi. Tive sempre saúde. Problemas pequenos, mas a saúde, graças a Deus, não me posso queixar, agradeço a Deus... Está ótimo. Que tenho saúde, não tenho problema nenhum. Graças a Deus.

P/1: Muito bem, agradeço a sua entrevista. Eu que agradeço. O que o senhor achou de dar uma entrevista pra gente?

R: Muito bom. Voltar ao passado, contar, seria tanta coisa pra contar...Ih, se não vai ficar até amanhã vai ficar. Conta uma historinha então, apenas uma história que o senhor gostaria de deixar registrada.

P/1: Tem tantas...daqui no Brasil?

R: Ah, quando trabalhei de taxi eu...no começo, quando comecei trabalhar, eu ficava nervoso, sabe, italiano é nervoso, né, sangue quente. Porque o trânsito, aquele te fecha daqui, outro não respeita, da esquerda entra pra direita, da direita entra para a esquerda... até hoje. Já está no trânsito, aquele da esquerda quer entrar à direita. Aquele que está á direita vai entrar à esquerda. Porque na Itália, se fizer isso, é multado. Não pode. Está na esquerda tem que ir seguindo à esquerda. Direita tem que ir direita. Se quer a direita tem que pegar já o lado direito, tem que pegar. Então ficava nervoso, ficava. Um dia falei puxa vida, mas eu tenho que trabalhar nesse ramo aqui, que não tenho outro recurso pra me pagar prestação do carro, prestação do apartamento, manter a família, colégio das filhas, então, falei, tenho que esquecer tudo isso e pegar o trabalho como vem, e pronto. Porque tinha muito taxista, no começo, que na época escolhiam corrida, não queria ir aqui, não queria lá, eu não. Eu pegava o que vinha e graças a Deus ganhei muito dinheiro. Como taxista. Então tinha o prazer, às vezes, de levar gente importante... É. Uma vez cheguei a entrar com o fusca dentro do Banco Central, que era no centro da cidade, um policial pegou um malote de dinheiro, dentro do Banco, pra levar não me lembro em que banco a gente levou. Não me lembro. Me foge. Depois peguei gente importante, que fui levar pessoas assim de alto escalão, da aeronáutica, no campo da aeronáutica, levei com o carro aquela atriz que hoje está com mais de 90 anos, a Dercy Gonçalves, e muita gente importante. Ah, quando entrava no carro eu ligava o rádio na estação Eldorado, era só música, e quando pegava passageiro que o trânsito não andava, a melhor coisa sabe qual era, porque estava construindo o Metrô, naquela época? E o centro da cidade não andava, né. Era contar piada. Então contava piada e o tempo passava sem perceber. Graças a Deus foi... tudo bem.

P/1: Tá OK. Muito obrigada então pela sua entrevista. Tá.